

## Mulheres na Agricultura Familiar: Um Estudo Etnográfico Sobre Produção e Consumo de Alimentos no Assentamento Josué de Castro

Autora: Jéssica Cristina Ferreira da Silva

Graduanda do curso Bacharel em Ciências Sociais - Universidade Federal Fluminense – Núcleo de Estudos Rurais (NuÉR) - e-mail: jessicaferreira@id.uff.br

Orientadora: Simone Silva

Universidade Federal Fluminense – Núcleo de Estudos Rurais (NuÉR)

### OBJETO E OBJETIVOS

A proposta deste trabalho foi buscar compreender o sistema de roça no assentamento Josué de Castro, localizado no município de Campos dos Goytacazes, norte do estado do Rio de Janeiro, tendo como eixo principal de análise as atividades realizadas pelas mulheres, desde àquelas concernentes à esfera produtiva quanto àquelas da esfera reprodutiva. A escolha por observar essas relações a partir das atividades executadas pelas mulheres surgiu do interesse em buscar desconstruir a prenoção de *trabalho pesado*, como atributo do homem, e a noção de *trabalho leve*, atribuída à mulher (PAULILO, 1987)<sup>1</sup>. Esta pesquisa centrou-se na análise da circulação de mulheres nas atividades que compõem o chamado sistema de roça, considerando dois lugares de referência: a unidade social primária, buscando identificar os habitantes, as suas atividades e suas redes de relações que extrapolam os seus próprios quintais; e nas dinâmicas de trabalho das mulheres no assentamento, por meio das seguintes categorias: em relação às pessoas, aquelas que possuem *mão boa para plantar* e aqueles que *não possuem mão boa para plantar, os de casa e os que não são de casa*; e em relação aos produtos aqueles que são vendidos nas feiras e aqueles que não são vendidos. Além disso, destacou-se a importância sobre a relacionalidade das casas e, conseqüentemente das pessoas nas atividades de roça, no cultivo, no processo de “familiarização”<sup>2</sup> que ali se cria, demonstrando que a circulação de pessoas, coisas, comidas, alimentos, flores e etc., colabora para a constituição de lugares, assim como para a circulação dos indivíduos por eles, possibilitando a criação de uma *malha* de relações (INGOLD, 2015)<sup>3</sup>. Para concluir, a análise sobre o trabalho da mulher no assentamento forneceu dispositivos fundamentais para compreender o complexo e instigante sistema de roça que implica, entre tantas coisas, fazer parente, fazer gênero, fazer a terra e fazer casa.

### METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido a partir do método etnográfico, com realização de entrevistas semi-estruturadas e observação participante.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] PAULILO, Maria Ignez Silveira. O peso do trabalho leve. In: **Revista Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: SBPC, 1987.

[2] COMEFORD, John Cunha. “**Como uma família**”. **Sociabilidade, reputações e territórios de parentesco a construção do sindicalismo rural na Zona da Mata de Minas Gerais**. Tese de doutorado. PPGAS-MN – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.



Parte da horta de uma assentada e sua casa ao fundo.

### CONCLUSÕES

Os lugares de circulação da mulher ampliaram-se, a partir da realidade dos assentamentos e acampamentos rurais em que, por meio da luta e resistência, com o intuito de assegurar uma terra para se trabalhar, homens e mulheres precisaram se unir para concretizar suas produções, a fim de lhes garantir melhores condições de vida. A constituição híbrida de lugar de moradia e lugar de produção, neste contexto, impossibilita a separação sistemática desses dois lugares, favorecendo a circulação das mulheres por ambos os ambientes. Além disso, a vicinalidade deste grupo permite a circulação entre casas, através da doação de alimentos e flores para cultivo, estabelecendo comunicação entre elas. A respeito das dinâmicas de trabalho desenvolvido pelas mulheres, as categorias classificatórias indicam que a dimensão do trabalho permeia a sociabilidade do grupo, valorizando aqueles que possuem fartura em suas roças, possibilitando a circulação de alimento e pessoas entre as casas por meio das doações de mudas, perpetuando laços e assegurando a diversidade da produção dentro e fora do assentamento.

[3] INGOLD, Tim. **Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.